

Quando a realidade ultrapassa a ficção

À 15.ª EDIÇÃO DO CURTAS VILA DO CONDE, ENTRE 7 E 15 DE JULHO, 'HITCH' PASSEOU À BEIRA-RIO O SEU FANTASMA, QUENTIN TARANTINO E A 'BLAXPLOITATION' ENSINARAM-NOS O BOM DE ANDAR À PANCADA E AINDA TIVEMOS TEMPO PARA DROGAS E MUITO SEXO; MAS ISTO SÓ NO ECRÃ. UMA REVELAÇÃO: PETER HUTTON (CINEASTA NOVA-IORQUINO QUE PARECE DE OUTRO MUNDO; OU PELO MENOS OUTRO MUNDO SUGERIA O SEU CINEMA). DE RESTO, O MELHOR DA COMPEIÇÃO ANDOU DE BRAÇO DADO COM O CINEMA REAL.

por David MARIANO.



Já andávamos desconfiados e Vila do Conde limitou-se a confirmar:

Quentin Tarantino e Alfred Hitchcock deram-se bem nas margens do rio Ave, com a gama de sexo, drogas e violência trazidas pelo norte-americano Jack Stevenson ao programa Highway to Hell (uma viagem ao maravilhoso mundo dos exploitation movies) a apimentarem o encontro.

Mas houve mais amores de verão: os *sixties* de Peter Whitehead, os retratos mudos e meditativos de Peter Hutton, as curtas do início de carreira de David Lynch e os momentos na paisagem de Anna Sanders. Na competição, nacional ou internacional, o real e o experimental andaram sempre um passo à frente da ficção (e isso, felizmente, reflectiu-se no palmarés). Facto: o cinema olha cada vez mais para trás e

chega a recuar tanto que o Grande Prémio do 15.º Curtas Vila do Conde só pode ser mesmo um sintoma. Ken Jacobs ganhou não com um, mas com dois filmes: *Nymph* e *Capitalism: Child Labor*, um par de experiências visuais baseadas num processo simples de sobreposição de imagens duplicadas (separadas com uma ligeira distância) cuja repetitiva alternância nos oferecia uma falsa noção de espaço e movimento (o que fez lembrar os primórdios da Sétima Arte

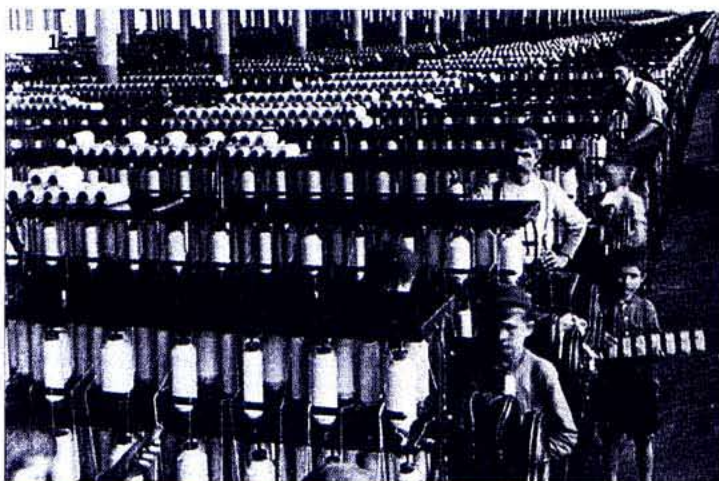
e a técnica artesanal das lanternas mágicas). Foi um prémio discutível, não o seria o *minimal statement* artístico inscrito nos trabalhos deste americano – apesar de que preferíamos ter visto por aqui Tolya do israelita Rodeon Brodsky, crónica sobre um velho trabalhador de Leste sem dentes que

na verdade, um documentário sobre *graffiti* camuflado de animação (e terá sido a única forma de apontar câmaras a um fenómeno marginal como este). Caso estranho aconteceu com *Compilation: 12 Instants d'Amour Non Partagés*, obra que venceu na qualidade de Melhor Ficção

quando nos parecia tudo menos ficção (e era um Frank Beauvais demasiado pessoal para nos convencer do contrário): o cineasta gaulês dava-nos aí a expressão de um amor não correspondido com o jovem Arno, convidado a um diálogo platónico de 12 canções que durou um Verão inteiro.

Na categoria de Melhor Documentário venceu o espanhol Jorge Tur com *Defunció* – e venceu com justiça (ao filmar os derradeiros gestos performativos da morte) –, enquanto o enciclopédico *My Mother Learns Cinema*, de Nesimi Yetik, levou o respeitável título de Melhor Filme Experimental (e nele o cineasta turco não precisava mais de três minutos para ensinar a mãe o ABC da história do cinema). Quanto aos Vídeos Musicais, o francês Pleix comoveu a audiência lançando ao ar canções

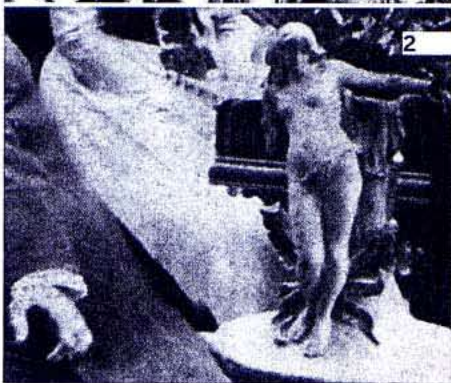
amorosos ao som da canção *Birds* dos Vitalic (o título é uma feliz coincidência em ano de Hitchcock), enquanto *Plot Point*, do *habitué* Nicholas Provost, que podia ser um *videoclip* (e não era), que podia ser uma ficção (também não era) e que podia ser o estado policial na América tal como o entendemos hoje (e isso, sim, era), levou o Prémio UIP/Vila do Conde – Provost não ficou por aqui: *Gravity* (o outro filme presente na competição) ainda foi integrado



1. 'Capitalism: Child Labour', de Ken Jacobs vencedor do grande prémio do festival...

2. ...em parceria com 'Nymph', do mesmo autor, duas singulares experiências visuais.

3. 'Blue Karma Tiger', das suecas Mia Hulterstarm e Cecília Actis, conquistou o galardão para Melhor Animação.



resolve enviar (e os problemas começam aí) uma mensagem de amor à sua esposa no Dia Mundial da Mulher.

Não o vimos aqui nem em mais lado nenhum, pois logo a seguir a *realidade* entrou pelo palmarés adentro (o que demonstra que não houve lugar aqui para a ficção – se bem que Tolya misturasse ambas as coisas) e nem o Prémio para Melhor Animação escapou: *Blue Karma Tiger*, das suecas Mia Hulterstarm e Cecília Actis, era,



1



2

1. O francês 'Compilation: 12 Instants d'Amour non Partagés', de Frank Beauvais, triunfou na categoria de Melhor Ficção, embora a componente ficcional não seja um dado adquirido. 2. O enciclopédico 'My Mother Learns Cinema', do turco Nesimi Yetik, foi galardoado como Melhor Filme Experimental.

no Prémio Onda Curta. Esquecidos? **Keidas**, do finlandês PV Lehtinen, e **Trecho**, dos brasileiros Clarissa Campolina e Helvécio Marins Jr. (com temas igualmente transcritos da realidade).

Contas feitas: em oito prémios obtivemos seis visões 'documentais', incluindo o Prémio do Público directo para **Yaptik-Hasse** do russo Edgar Bartenev: simpática e sensível incursão no domínio territorial das tribos nenets na Ásia. Foi assim a Competição Internacional: real mesmo quando brincava à ficção. E não muito diferente seguiu-se a Competição Nacional.

BOAS ONDAS

Europa 2007 pode ter sido construída como uma ficção, mas o programa de Pedro Caldas nunca nos enganou: a história de uma mulher angariada para prostituição na cidade de Lisboa era drama demasiado próximo para ser tomado como uma fantasia (e não foi por acaso que a apresentação do realizador português cheirou a denúncia: *todos os anos cerca de 800 mil seres humanos são traficados na Europa*, referia antes da sessão à plateia).

Foi considerado o Melhor Filme da Competição Nacional e como ele houve outros a fazer a apologia dos excluídos: **Dido e Eneias**, de Filipe Martins (um favo-

"NA COMPETIÇÃO,
NACIONAL E
INTERNACIONAL, O REAL E O
EXPERIMENTAL ANDARAM
SEMPRE UM PASSO A
FRENTE DA FICÇÃO."

rito para nós que ficou de mão a abanar), **Ossudo**, de Júlio Alves, ou **Antes de Amanhã**, de Gonçalo Galvão Teles. Uma revelação, no entanto: Dânia Lucas apenas precisou de um primeiro filme (e algumas idas ao hospital por cada viagem ao mar) para arrecadar o prémio principal da Competição Take One! – e onde tudo não passava de inocência, seria, mais uma vez, um documentário intitulado **Gentes do Mar** (um dia na vida dos pescadores de Caxinas) a devolver talento. O Prémio Onda Curta não ficou atrás nem

da veia documentarista nem dos excluídos (embora não só): **The Days and the Hours**, dos norte-americanos Kristine Samuelson e John Haptas, ou **Alguma Tristeza**, do peruano Juan Alejandro Ramírez, foram um preciso testemunho dessa tendência, cabendo ao francês David Dusa traçar em Amin e na Paris actual, como ficção, um olhar não menos comum sobre os emigrantes de origem árabe. **Gravity**, de Nicolas Provost, e **FAQ (Part 1)**, do holandês Sagi Groner vogaram na homenagem à memória do cinema – e não se percebeu o que andou a animação pobrezinha do suíço Georges Schwizgebel por ali a fazer com **Jeu**. Contas novamente: foram mais três documentários a juntar à festa (e isto quer dizer alguma coisa).

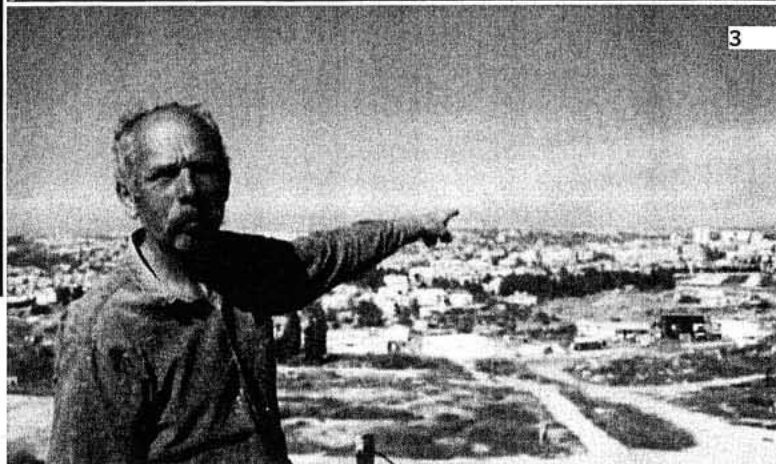
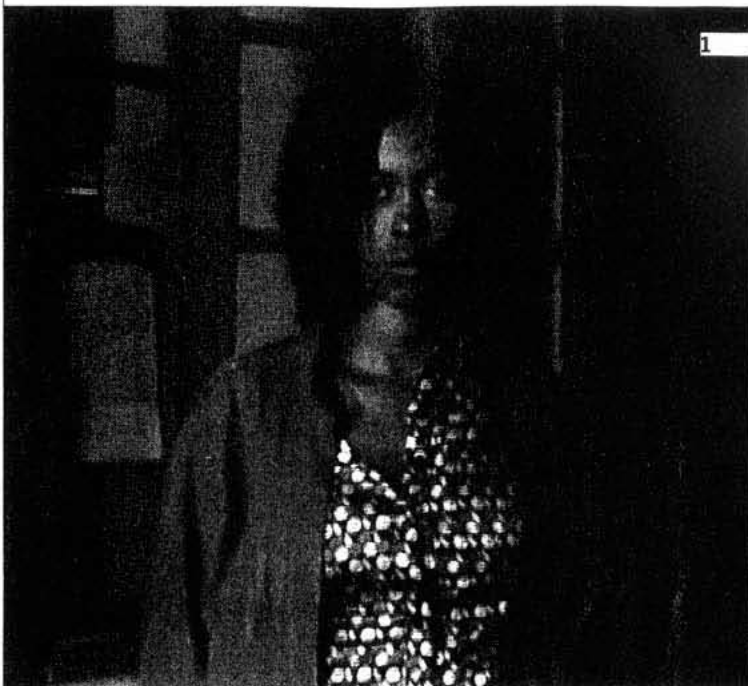
HITCHCOCK PAIROU POR AQUI

Mestre Alfred andou muito requisitado por estes dias e Vila do Conde também quis um pedaço do fascínio que as artes plásticas viram nele (e que Hitchcock nunca viu em si depois de ter dito, nas célebres entrevistas a François Truffaut, que não se sentia particularmente um artista). A exposição **Under Hitchcock**, que fez as honras de abertura da edição deste ano do Curtas Vila do Conde, estava lá (e vai estar até ao próximo dia 23 de Setembro) para provar o contrário – pois se Hitch não tinha o fôlego de um artista (o que nos deixa confusos: afinal que mais é preciso para ser artista?) a muitos outros ofereceu uma inspiração que não vem de agora (desde há uns anos que o fantasma do cineasta paira sob o mundo da arte contemporânea).

A reverência foi prestada por nomes como Jean Breschand, Christoph Girardet, Johan Grimonprez, Laurent Fievet, Carlos Lobo, Matthias Müller ou Salla Tykkä, os quais mostraram o seu amor pelo cineasta; e este amor passou ainda pelo ecrã do Auditório Municipal num programa de várias curtas a cargo de J. Tobias Anderson, Les LeVeque, Gregg Bierman, Noé Sendas, Gerda Johanna Cammaer, Nirit Lehman e Matias Arnold. Nunca tínhamos visto a obra de Alfred Hitchcock desta forma (e nunca a tínhamos deixado de pressentir assim).

JACK STEVENSON, O PORNOGRAFO

Jack Stevenson, o teórico da *exploitation* que introduziu no festival o novo Tarantino **À Prova de Morte**, veio a Vila do Conde revelar a Dinamarca que muitos de nós desconhecíamos; a Dinamarca livre de preconceitos e liberal, por vezes libertina, por vezes perversa, dos finais da década de 60 e princípio de 70 onde tudo era permitido (e ele assegura que era tudo mesmo: do sadomasoquismo à bestialidade, enquanto os clubes de sexo ao vivo eram uma práti-



PALMARES

COMPETIÇÃO INTERNACIONAL

Grande Prémio Cidade de Vila do Conde:

Capitalism/Child Labor, de Ken Jacobs (EUA)

Nymph, de Ken Jacobs (EUA).

Prémio Melhor Animação: *Blue Karma Tiger*, de Mia Hulterstarm e Cecilia Actis (Suécia).

Prémio Melhor Ficção: *Compilation 12 Instants d'Amour non Partagés*, de Frank Beauvais (França).

Prémio Melhor Documentário
Defunció, de Jorge Tur (Espanha).

Prémio Melhor Filme Experimental
My Mother Learns Cinema, de Nesimi Yetik (Turquia).

Prémio Melhor Vídeo Musical: *Birds – Vitalic*, de Pleix (França).

Prémio UIP/Vila do Conde: *Plot Point*, de Nicolas Provost (Bélgica).

Prémio do Público: *Yaptik-Hasse*, de Edgar Bartenev (Rússia).

COMPETIÇÃO NACIONAL

Prémio Melhor Filme Competição Nacional:

Europa 2007, de Pedro Caldas.

TAKE ONE!

Prémio Melhor Filme da Competição Take One!: *Gente do Mar*, de Dânia Lucas.

ONDA CURTA

Amin, de David Dusa (França); *Jeu*, de Georges Schwizgebel (Suíça/Canadá); *Gravity*, de David Dusa (França); *Alguma Tristeza/Some kind of Sadness*, Juan Alejandro Ramírez (Peru); *The Days and the Hours*, de Kristine Samuelson e John Haptas (EUA).

Menção Honrosa: *FAQ (PART I)*, de Sagi Groner (Holanda).

1. 'Europa 2007', de Pedro Caldas, premiado Melhor Filme da Competição Nacional. 2. 'Gente do Mar', de Dânia Lucas. 3. 'Tolya', do israelita Rodeon Brodsky.

ca tão inocente que havia quem levasse consigo os filhos ou a avozinha). Censura não havia porque os dinamarqueses, a dada altura (hoje parece que já não é bem assim), resolveram censurar a censura (e tínhamos muito a aprender com eles). Isto foi a coisa mais louca que a Europa viu desde a Roma antiga e pode bem ter estado aqui a origem da revolução sexual na América (que importava a produção nórdica sempre mais interessada no escândalo e na decadência de valores do que na emancipação feminina ou na liberdade sexual). Já nestes anos era comum vermos o realizador que um dia ganharia o Oscar de Filme Estrangeiro com *A Festa de Babette*: Gabriel Axel, metido em filmes sobre e com sexo explícito (Stevenson garante: nos Estados Unidos tal seria impossível, uma vez porno, sempre porno). Mas a Dinamarca parece que não aprendeu consigo própria e Jack Stevenson lamenta que o país onde escolheu viver os últimos quinze anos (casar com uma dinamarquesa foi factor relevante) se tenha tornado numa sombra do que foi nesta época – e que acabe a levar da América as lições de liberalismo que um dia lhe deu. Foi o fim de uma era, disse ele. Uma era que produziu as obras mais loucas e descomplexadas que o mundo alguma vez conheceu.

PETER HUTTON, À PROVA DE SOM

Peter Hutton veio a Portugal pela primeira vez – e ele afirmou que estar cá foi como entrar num sonho – para mostrar os seus *Portraits of New York (Chapters 1, 2 & 3)*, a sua elegia a um barco com *At Sea*, as

suas paisagens islandesas em Skagafjörður, a ressaca da Guerra Fria numa cidade polaca com *Lodz Symphony* ou as várias estações do rio Hudson em *Study of a River*. Sonho, disse ele, e houve momentos no seu trabalho de atento perscrutador da passagem do tempo (pela distância que guarda, pelo fascínio que sente, pela posição que ocupa, pelo olhar presente) em que as imagens se revelavam e nos faziam entrar na vertigem meditativa deste peculiar cineasta norte-americano, como num sonho, dizemos nós. Não se compreende, do lado de cá do Atlântico, porque razão não conhecíamos este velho talento (do lado de lá percebemos melhor, a América raras vezes se preparou – e parou – para observar a si e ao mundo deste modo, tão fria e mudamente). Desde muito cedo que este realizador quis embarcar e conhecer a vida do mar, porque foi aí que aprendeu a apreciar o silêncio. Uma coisa disse sobre aquilo que filma (quadros fixos e contemplativos de inúmeras paisagens, do campo à cidade, que ficam e ficam e ficam para nosso inteiro prazer); é que não se importava que o espectador adormecesse. *Faz parte da experiência*, admitiu ele. É por isso que os seus filmes não têm som e até gosta de ser comparado a históricos do cinema como os irmãos Lumière ou George Méliés. Hutton sempre apreciou a imagem como campo de ilusão e de partir daí para diferentes noções de espaço e profundidade. Filma tudo como se fosse a primeira vez e que para ele começar um filme é não saber para onde se vai (nós imaginamos: como quando se parte para o mar). ■